

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

AMAZÔNIA EM “DIRETO DA SELVA: AS AVENTURAS DE UM
REPÓRTER NA AMAZÔNIA”:
UMA CARACTERIZAÇÃO DIALÓGICA

Voluntário: Ednilson Antônio Maciel dos Santos

PARINTINS
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL

PIB-SA/0068/2010

AMAZÔNIA EM “DIRETO DA SELVA – AS AVENTURAS DE UM
REPÓRTER NA AMAZÔNIA”:
UMA CARACTERIZAÇÃO DIALÓGICA

Voluntário: Ednilson Antônio Maciel dos Santos, FAPEAM
Orientador: Prof. Dr. Antônio Heriberto Catalão Júnior

PARINTINS
2011

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa no Amazonas – FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e se articula aos projetos: “Amazônia em ‘Chico Mendes: Crime e Castigo’: uma caracterização dialógica” e “Amazônia em ‘O Nome da Morte’: uma caracterização dialógica”.

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa sobre a compreensão de como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “Direto da selva: as aventuras de um repórter na Amazônia”, do jornalista pernambucano Klester Cavalcanti. Tal pesquisa se fundamenta na teoria sobre o dialogismo do Círculo de Bakhtin. Como enunciado na cadeia da comunicação discursiva, o livro-reportagem é perpassado pelos diálogos do autor com outros sujeitos. Ao produzir um discurso sobre a Amazônia, o autor a constrói semioticamente a partir de diálogos com outros discursos. Verifica-se como o autor assume posições sociais, suas e de outrem, sobre a região amazônica. Nesse sentido, compreendem-se os objetivos propostos mediante o enfrentamento das seguintes questões específicas: como o autor apresenta a natureza da região amazônica em seus diversos aspectos? Como o homem amazônico é qualificado em sua relação com a natureza? Como são caracterizadas as relações humanas e sociais na região? Como a Amazônia é situada – politicamente, culturalmente, economicamente e socialmente – no território nacional brasileiro e em relação a ele? Em sua obra, o autor faz uma alusão catastrófica a respeito da Amazônia, lugar sujeito às devastações. Por outro lado, Cavalcanti revela-se encantado pelas maravilhas do cenário amazônico. O autor descreve relações de integração, tradição e modernidade. Ao mesmo tempo, compara esses gestos e ações, que lhe causam admiração, com elementos do mundo dito civilizado, presentes na selva amazônica, enquanto estrangeiro - o autor demonstra seu estranhamento. Descreve relações entre este território e o restante do país; ao mesmo tempo diz que existem povos que estão isolados da civilização. Portanto, o autor caracteriza a Amazônia como um território exuberante e ao mesmo tempo frágil, sujeito às conseqüências da exploração de suas riquezas.

Palavras-chave: Amazônia; dialogismo; reportagem; jornalismo; livro-reportagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
1.1. O dialogismo: todo discurso é atravessado pelo discurso alheio.....	08
1.2. O livro-reportagem como um gênero discursivo.....	09
II. O DIALOGISMO COMO PONTO DE PARTIDA	Erro! Indicador não definido.0
III. RESULTADOS E DISCUSSÕES	Erro! Indicador não definido.2
3.1. O autor e a natureza amazônica	Erro! Indicador não definido.2
3.2. O amazônida e a natureza amazônica	Erro! Indicador não definido.
IV. RELAÇÕES SOCIAIS NA MAZÔNIA.....	26
4.1. Relações de tradição e poder.....	26
4.2. Relações sócio-políticas e familiar.....	27
4.3. Relações econômica- política e ideológica.....	30
V. AS RELAÇÕES ENTRE A AMAZÔNIA E O RESTANTE DO BRASIL.....	32
5.1. O autor como estrangeiro.....	32
5.2. O poder do Estado.....	34
5.3. A relação com a imprensa: a agenda do dia.....	35
5.4. Relações Sociais: a Amazônia para o mundo ver.....	37
5.4.1. Hotel na Selva.....	37
5.4.2. Sobre o Rio Negro.....	37
5.4.3. Sobre a reserva Mamirauá.....	38
5.4.4. Elemento que caracteriza isolamento.....	38
5.4.5. A comunicação entre os amazônidas e o resto do Brasil.....	39
CONCLUSÃO... ..	39
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

Este relatório destaca o resultado da pesquisa sobre como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem “Direto da Selva: as aventuras de um repórter na Amazônia” de Klester Cavalcanti (2002). Ela elabora-se conforme a perspectiva dialógica do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006). O livro-reportagem, enquanto enunciado, carregado de discursos próprios e alheios, se materializa a partir de outras falas de personagens que dialogam entre si e constroem em uma outra enunciação, pois nenhum discurso é adâmico – pronunciado pela primeira vez – mas transpassado pelo de um outrem.

O livro reportagem, também, por ser considerado um gênero discursivo, presta-se ao diálogo com diversos discursos de autores sociais. Dessa forma, toma-se essa obra de Cavalcanti para propor um estudo sobre a Amazônia, a qual se apresenta, neste caso, uma realidade semiótica. Mais que isso, uma ‘invenção’, tomada a partir da construção de uma realidade que se materializa em vários outros enunciados de outras fontes e outros autores presentes ou não no fio do discurso da obra em questão. E isso provoca um diálogo interminável, do qual participam vários autores que vão desde os primeiros viajantes até repórteres, como é o caso do supracitado, que constroem relatos sobre a região amazônica – com discursos de *outrem* presentes ou não no *corpus* da obra e que com eles dialogam.

A exploração desses relatos encontra seu referencial na pesquisadora Neide Gondim (1994). Em seu pioneirismo, ela retrata a invenção da Amazônia, - e do homem que nela habita, - pelos primeiros viajantes europeus. Nessa ação encontra-se, portanto, uma articulação entre vários enunciados presentes em gêneros discursivos como no caso do livro-reportagem. O enunciado ‘Direto da Selva: as aventuras de um repórter na Amazônia’ oferece subsídio na observação da construção dessa cadeia discursiva. Assim, verifica-se como o autor assume posições suas e de *outrem* sobre a região amazônica. Para isso conta-se com auxílio primordial de Bakhtin como o referencial teórico-metodológico da concepção dialógica da linguagem, sobre a realidade semiótica chamada Amazônia.

Nesse sentido, partindo dos objetivos propostos, tanto o geral que visa contribuir para a compreensão de como a região amazônica é caracterizada no livro “Direto da Selva: as aventuras de um repórter na Amazônia” de Klester Cavalcanti. Quanto os específicos quando buscamos: i) identificar como é caracterizado o meio ambiente; ii) verificar como são

descritas as relações entre homem e a natureza; iii) saber como são apresentadas as relações sociais na região amazônica e iv) como compreender o modo como o autor se posiciona em relação a esse território ao restante do país.

Os primeiros passos desta pesquisa indicados neste relatório mostram o modo que o dialogismo se materializa nos discursos sociais; ora utilizados pelo autor para posicionar-se acerca da Amazônia, ora manifestando sua própria posição que descreve semioticamente os diversos aspectos mencionados nos objetivos desta pesquisa. Ao dialogar com outros posicionamentos, que afirmam ou negam, o autor se utiliza desse recurso lingüístico para adotar reafirmações que declaram diversas concepções sobre a Amazônia. Desses discursos é que brotam os primeiros resultados desta pesquisa, alcançando seus objetivos.

O repórter Klester Cavalcanti oferece várias visões sobre o território amazônico. Seja de suas observações pessoais ou de outros autores que se encontram no percurso de sua obra. Em alguns momentos, um lugar infernal: queimadas e devastação da floresta, tanto pelos habitantes amazônidas, quanto por aqueles que vieram do restante do Brasil. Em outros momentos, o autor se deixa levar por uma visão edênica: fauna, flora e rios abundantes – e o homem integrado à natureza.

Para desenvolver sistematicamente tal pesquisa, pode-se dizer que alcançamos os seguintes objetivos propostos na pesquisa: identificamos a maneira como o autor caracteriza o meio ambiente da região amazônica em seus aspectos físicos e geográficos. Além de verificar como o autor apresenta as relações homem amazônida e natureza na região.

Um primeiro resultado foi apresentado no I Encontro Regional de Comunicação em Parintins (Encomtins), realizado entre os dias 8 e 9 de novembro, em Parintins.

Num segundo momento, identificamos como o autor caracteriza o meio ambiente da região amazônica, seus aspectos climáticos, vegetação, hidrografia e fauna e flora.

Em outra etapa, o capítulo terceiro destaca em que medida é estabelecida as relações humanas e sociais (política, de poder, tradicionais, compadrialismo, econômicas, ideológicas e a relação homem/Estado) na região amazônica. E finalmente, As relações sociais entre a Amazônia e o restante do Brasil (e o mundo). Evidencia a presença do Estado (Ibama), os MCS (correspondências), relações entre os homens, o autor como estrangeiro: encantamento e estranhamento. Além de outros elementos observados que caracterizam isolamento (como é suavizado), sociabilidade, institucionalidade, infraestrutura e valores sociais. Também retrata o referencial de comparação, idéias de atraso (o que mostraria esse atraso – elementos de sincronia, compasso e descompasso

I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O dialogismo: todo discurso é atravessado pelo discurso alheio

José Luiz Fiorin, estudioso de Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006), abre seu comentário sobre dialogismo aplicando estas palavras desse filósofo russo: “em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”. (BAKITIN, 1988, p. 88 apud FIORIN, 2006, p. 18). A elas se acrescentam a seguinte afirmação de bakhitiniana:

“O objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto, por assim dizer, já está ressaltado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes. O falante não é um Adão bíblico, só relacionados com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez [...] O enunciado está voltado não só para seu objeto mas também para discursos do outro sobre ele (Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006, p. 299-300)

Por isso a propriedade da língua é ser dialógica - como também todos os enunciados o são, mesmo que não seja dentro de uma relação face a face; “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que estabelecem entre dois enunciados” (Fiorin, p. 19). E o que seria o enunciado? O próprio Bakhtin responde: “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido” (Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV], 2006, p. 289). Todo enunciado tem um papel responsivo na comunicação discursiva pois quando alguém define sua posição em um discurso o faz em relação às outras posições.

Nesse percurso, ainda podemos compreender o enunciado como uma “réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos” (Fiorin, p. 21). O fato é que o enunciado não pode existir sem que haja uma relação dialógica. Assim, após as pronúncias adâmicas todos os enunciados são intermináveis e reiteráveis, tornando a comunicação discursiva sempre dialógica. É justamente isso que tomaremos como objeto para explorarmos o livro-reportagem como um enunciado perpassado por diálogos contínuos de autores sociais.

Explorando algo mais sobre o dialogismo, Fiorin nos ajuda mostra três pontos fundamentais, a saber: i) “o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado” (p. 24), um enunciado pode solicitar uma resposta que ainda não existe no fio do discurso; ii) na sua forma composicional, o dialogismo incorpora vozes nos discursos de outrem e que podem se externar visivelmente abertamente citado - através de discurso direto, discurso indireto, aspas, negação, conhecido como discurso alheio demarcado e não demarcado e, finalmente: iii) o sujeito sempre age em relação aos outros, por conseguinte, “o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação” (Idem,p. 55).

Podemos utilizar o seguinte comentário de José Luiz Fiorin:

Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com o mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser (Ibdem).

Ao analisar o livro reportagem de Klester Calvalcanti dar continuidade a construção de um diálogo que constrói um discurso sobre o outro – reelaborado a cerca de questões que nunca se acabam e que “inventam” uma Amazônia sempre revisitada.

Assim, a pesquisa proposta insere-se em uma tradição ainda recente de estudos sobre as caracterizações e “invenções” da região amazônica em textos elaborados por sujeitos diversos, em diferentes campos da cultura – cujo maior exemplo talvez seja o trabalho de GONDIM (1994). Como pesquisadora, ela elabora um painel amplo sobre os discursos produzidos por viajantes e estudiosos estrangeiros acerca da Amazônia, e afirma:

Contrariamente ao que se possa supor a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia Greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes. (Idem. p.9)

1.2 O livro-reportagem como um gênero discursivo

O livro-reportagem como uma forma de comunicação verbal pode ser considerado um gênero discursivo - logo um gênero particular do discurso – um enunciado. Mas há quem diga que é um veículo jornalístico mais elaborado.

Ainda embasado em Bakhtin, podemos afirmar o seguinte:

“o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam as enunciações pelo seu volume, pelo seu conteúdo, pela construção composicional, elas possuem como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns [...] (Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV], 2006, p. 274).

Ao colocarmos o livro-reportagem como um enunciado, podemos caracterizá-lo como também sendo um veículo de comunicação apoiando-nos no comentário de Catalão Júnior (2010):

A conceituação do livro-reportagem como veículo de comunicação – em outras palavras, como mídia jornalística específica – revela certos aspectos claramente produtivos. O primeiro deles é o fato de, por meio dela, o autor lança uma proposta de classificação bastante abrangente, baseada em dois critérios: um é ‘o objetivo particular, específico, com que o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade’, outro, ‘a natureza do tema que trata a obra’ (p.19)

Por outro lado, Catalão Júnior propõe “a tese alternativa de que o livro-reportagem é um gênero do discurso, cujos enunciados típicos são produzidos mediante trabalhos de reportagem e materializados em livro, que é seu meio distintivo” (p. 22). Desta forma o livro-reportagem é um “elo na cadeia da comunicação discursiva; como uma réplica do diálogo, está vinculada a outras obras – enunciados: com aquelas às quais ela responde, e com aquelas que lhe responde, e com aquelas que lhe respondem [...]” (Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV], 2006, p. 279). Ele diz: “se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível”. (Idem, p. 283).

Por estar vinculado às outras obras, o livro-reportagem processa-se como um gênero discursivo que dialoga com outras obras, outras fontes; vozes sociais que participam da cadeia dialógica na comunicação discursiva.

II O DIALOGISMO COMO PONTO DE PARTIDA

O andamento desta pesquisa se constrói em relação ao pensamento da lingüística de BAKHTIN (2003). Como ele aponta, o diálogo é construído em relação a outros discursos – a concepção dialógica da linguagem, pois a realidade é sempre mediada pela linguagem, em forma de enunciados. Além de que, todos os enunciados são dialógicos. E como já mencionado, mas vale ressaltar, que os enunciados são as unidades reais que se alternam entre sujeitos. Se assim o é, o autor de uma obra assume sempre posições de outros autores; como é o caso do livro-reportagem em questão.

É a partir dessa abordagem dialógica que se começa alcançar os primeiros resultados desta pesquisa. Valendo-se da metodologia de análise do discurso procuramos dar as primeiras respostas aos questionamentos presentes nos objetivos, tanto o geral, quanto os específicos.

Segundo Bakhtin em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (Fiorin, p. 18). Em “Direto da Selva: as aventuras de um repórter na Amazônia” o autor narra suas experiências na região amazônica durante o período em que morou na cidade de Belém (PA), para onde foi enviado como correspondente da revista *Veja*, no final da década de 1990.

A intenção de tal pesquisa é compreender como, ao elaborar tal relato, o jornalista assume um discurso no qual apresenta uma caracterização particular deste espaço territorial brasileiro chamado Amazônia. Neste processo, aborda-se a Amazônia como realidade semiótica. Ela será visada indiretamente, como objeto de um discurso particular que a caracteriza.

Dessa forma, toma-se a Amazônia como objeto dialogizado, construído por Cavalcanti mediante o diálogo estabelecido por ele com vários outros sujeitos, pois todo discurso nasce de uma interação social de alguém com *um outro*, em uma relação dialógica. Além disso, um determinado discurso tem a participação de outras vozes que não interagem, necessariamente, face a face.

Este relatório consta dos dois primeiros objetivos: Investigar como Klester Cavalcanti caracteriza a natureza amazônica, considerando seus aspectos: vegetativo, hidrográficos e climáticos. E além de averiguar como são caracterizadas as relações entre homem e natureza. Vale adiantar que outros dois objetivos da pesquisa estão em andamento que investigará a caracterização das relações humanas e sociais na região amazônica.

Nessa abordagem se constatará que as posições assumidas pelo autor não deixam de ser a materialização de discursos de terceiros sobre uma Amazônia que é não é a realidade em

si, mas um lugar construído conforme a intenção do autor. Ao cumprir essas etapas, será feita a articulação desses aspectos particulares que se integrarão sobre como Klester Cavalcanti caracteriza a região, através do enunciado livro-reportagem, à medida que o autor se posiciona em relação a outras vozes presentes no fio do discurso – por meio de menções e referências diretas, ou não que se correspondem em diferentes posicionamentos ideológicos sobre o mesmo objeto.

Quanto às primeiras etapas já realizadas se pôde identificar os diálogos que o autor utiliza em sua obra, assim como referências e fontes que com ele dialogam no percurso da mesma. Uma das primeiras atividades concretas foi a análise dos discursos que Cavalcanti utiliza e da inclusão de outros sob a fala de outros autores sociais, através de discursos diretos e indiretos.

Como mencionado no decorrer deste relatório essa pesquisa realiza-se à luz da concepção bakhtiniana de linguagem – o dialogismo. Por isso coube estudarmos algumas obras que se referem ao pensamento de Bakhtin, como por exemplo, José Luiz Fiorin, o chamado círculo de Bakhtin e próprio.

A forma como o autor constrói sua narrativa jornalística é típica da área: utilizar-se de declarações das fontes para descrever os acontecimentos. Isso se percebe claramente em sua obra ao utilizar-se, na maioria das vezes desse recurso para firmar o seu – incorporação da voz ou das vozes de outros autores.

Segundo Fiorin (2006) o procedimento que se toma para incluir o discurso alheio no discurso do citante é o discurso direto, discurso indireto, aspas e negação. Assim, no discurso direto o autor diz que não é um discurso dele, mas o ponto de vista de quem o revelou. Enquanto que o discurso indireto funde-se ao do autor, mas pode ser identificado pela utilização de verbos introdutórios. Dessa forma o dialogismo mostra que havendo uma comunicação viva e concreta haverá duas vozes, presentes ou não no fio do discurso, não necessariamente face a face; entre sujeitos históricos e sociais.

III RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O autor e a natureza amazônica

Segundo Bakhtin em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. (Fiorin, p. 18).

Nele o autor narra suas experiências na região amazônica durante o período em que morou na cidade de Belém (PA), para onde foi enviado como correspondente da revista *Veja*, no final da década de 1990.

A intenção de tal pesquisa é compreender como, ao elaborar tal relato, o jornalista assume um discurso no qual apresenta uma caracterização particular deste espaço territorial brasileiro chamado Amazônia. Neste processo, aborda-se a Amazônia como realidade semiótica. Ela será visada indiretamente, como objeto de um discurso particular que a caracteriza.

Dessa forma, toma-se a Amazônia como objeto dialogizado, construído por Cavalcante mediante o diálogo estabelecido por ele com vários outros sujeitos, pois todo discurso nasce de uma interação social de alguém com *um outro*, em uma relação dialógica. Além disso, um determinado discurso tem a participação de outras vozes que não interagem, necessariamente, face a face.

Segundo tal perspectiva “em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”. (BAKITIN, 1988, p. 88 apud FIORIN, 2006, p. 18). E mais, “uma vez que um locutor não é um Adão – que segundo o mito bíblico, produziu o primeiro enunciado” [...] (Idem, p. 27). Desta forma tais enunciados são construídos em relação a outros discursos.

“O discurso só pode existir de fato em forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN: 2003, p. 274). Mas para isso, “a escolha de todos os recursos lingüísticos é feita pelo falante sob a maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada” (Idem, p. 306).

Pode-se perceber que o autor se apóia em determinados discursos alheios. Um dos estudiosos de Bakhtin, José Luiz Fiorin, diz que o enunciador incorpora a voz de outro(s) no enunciado. São maneiras de mostrar outras vozes no discurso. De acordo com Fiorin (2006, p. 33) uma das maneiras de inserir o discurso do outro no enunciado é quando o discurso alheio é abertamente citado e nitidamente separado do discurso citante, em que existem os seguintes procedimentos: discurso direto, discurso indireto, aspas, negação. Os dois primeiros serão objeto de análise.

Destacam-se, assim, alguns momentos em que o jornalista reporta a fala de outro(s). Isto é, constrói seu discurso pela fala de outros sujeitos do discurso – para caracterizar vários outros discursos sobre a Amazônia.

Em visita a uma aldeia ianomâmi, cercada pelo fogo, repórter conversa com os índios. Este é um discurso direto que o autor cita a fala do cacique Raul, um senhor de 62 anos, sobre uma queimada que devastou as matas do território indígena no estado de Roraima. “A gente perdeu a roça toda, umas galinhas e a água do riacho ta secando”, lamentava (p. 25).

Após uma conversa, sem sucessos, com o cacique Raoni, Cavalcanti conta aos seus companheiros o ocorrido e acaba numa anedota.

- “Sabe qual a diferença entre um jumento e um caiapó? O jumento é capaz de mudar de idéia” – contou Fumaça (o piloto) e caiu na gargalhada (p. 118).

Numa investigação sobre o Ibama autor questiona a uma suposta superintendente se ela sabe o que significa Ibama. Nessa parte da obra o capítulo é intitulado “Ibama dos madeireiros”, pois atendias os interesses dos desmatadores da floresta acreana. Eis a resposta dada por um outro funcionário do órgão federal:

- “Que pergunta ridícula é essa? – interveio o assessor”. De acordo com o jornalista ela tinha sido colocada no órgão apenas como figurante, pois era uma semi-analfabeta. Mas, mesmo assim, era superintendente do Ibama, no Acre (cf. pp. 158, 159). “Ceis pode ir imhora, que nós num vamo falar mais nada” (p. 160).

Esses são apenas algumas mostras de como o autor se utiliza de discursos diretos, outras falas, para construção de enunciações para o seu livro-reportagem.

Quanto ao discurso indireto, o autor se utiliza desse componente para criar um efeito de sentido de objetividade como, por exemplo:

“Os assessores do Governo de Roraima informavam que o fogaréu tinha engolido mais de trinta por cento do Estado” (p, 21).

“O comandante Márcio disse tratar-se de uma tribo *taurepang* índios pacíficos e já aculturados, mas que ainda guardam um poucos das antigas tradições” (p.116). Aqui o autor menciona uma pequena aldeia ilhada pelo fogo, na fronteira entre Brasil e Venezuela.

“Um agente que um ex-diretor do instituto havia realizado, há alguns anos, um levantamento detalhado sobre Carlos Medeiros... Em nome de Carlos Medeiros estavam registrados mais de 120 000 quilômetros quadrados de terras...” (p. 232). Esse discurso faz referência ao maior latifundiário fantasma do planeta. Ele possui terras em 89 municípios do Pará.

“As pesquisas de Carlos Laramão ainda apontavam o advogado Flávio Titan Viegas como o principal suspeito de ter “inventado” Carlos Medeiros” (p. 234).

“Os funcionários do Ibama diziam que Titans Viegas , a época com 72 anos não vivia mais em Belém” (p. 236).

Esses discursos podem ser considerados como vozes que ajudam o autor a construir uma caracterização da Amazônia.

Dessa forma para construir discursos Cavalcanti se utiliza de outros pontos de vista, outras caracterizações que vozes sociais distintas produzem acerca de uma Amazônia sempre revisitada, retomada, reinventada. O autor jornalista apresenta em seu livro-reportagem uma visão vislumbrada e ao mesmo tempo catastrófica sobre a Amazônia. Uma região do país que desde o descobrimento vem sendo visitada por conquistadores, pesquisadores, viajantes aventureiros, missionários – em sua maioria europeu que representam a Amazônia como território do exótico.

O cenário que marca “as aventuras de um repórter na Amazônia”, apresentada na obra em pesquisa predomina o discurso profissional jornalístico, mas de certa forma carregado de subjetividade, haja vista que o gênero o permite e por ser um mito o fato da subjetividade jornalística, que não vem ao caso aqui, apenas como menção afirmar que as idéias e visão do autor são de maior relevância para caracterização dialógica sobre esta região.

O jornalista Klester Cavalcanti foi convidado no dia 16 de dezembro de 1997 pelo também jornalista Laurentino Gomes, editor executivo da Revista Veja, na época, para ser correspondente da revista na Amazônia. Cavalcanti revela o seguinte:

[...] Até então, tudo o que eu sabia sobre a Amazônia era o que tinha lido em livros e enciclopédias. Nunca havia, sequer, sobrevoado a região, mas o fascínio por esse fantástico e misterioso pedaço de Terra me fez encarar a oportunidade como um passo que mudaria minha vida para sempre (p. 247).

Dessa forma, é relevante o que afirma Bakhtin (1988, p.88. In Fiorin: 2006 p. 18) “em todos os caminhos até o objeto, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”

Ao assumir discursos sobre a Amazônia, Klester Cavalcanti a caracteriza física e geograficamente em três aspectos a serem expostos aqui: clima, hidrografia e vegetação – além de algumas menções em torno da fauna amazônica.

Logo no início de seu livro-reportagem o autor apresenta um aspecto peculiar da cidade que lhe serviu de base, Belém (PA); é sabido por muitas pessoas que, na capital paraense, praticamente chove todo dia, mesmo sendo verão. Ele destaca:

Época de chuva. O céu estava tenebroso e os trovões estrondavam em toda cidade. Entre os meses de dezembro e abril, as noites amazônicas costumam ser assim. Apesar de chuarada, o clima permanecia quente em Belém- 29 graus (p. 13).

Ao sair de Belém para Roraima, ele encontra um clima predominante quente, o motivo eram as queimadas da floresta nesse Estado. “Já tinha ouvido falar que Roraima era quente, mas aquilo estava parecendo um inferno. Além do calor insuportável, a cidade estava coberta por um basto lençol de fuma”. (p. 13-14)

No início de seu trabalho, como repórter correspondente, - o repórter se deparou com uma realidade climática bastante tensa, os céus do norte da Amazônia viviam um forte calor, mas logo extinto pela chegada das chuvas, após uma cobertura jornalística em Boa Vista (RR), como relata o repórter:

[...] À noite, sob o céu bastante nublado, eu e Janduari voltamos para Belém. Antes mesmo de o avião decolar, já havia começado a chover em Roraima. Choveu copiosamente por mais de doze horas. Água suficiente para apagar a maioria dos focos de incêndio espalhados pela selva e pôr fim à maior tragédia ambiental da década na Amazônia (p. 64-65).

Antes de embarcar para uma excursão para o Acre: O sol estava de torrar o cérebro (cf. p. 87).

Em outra situação, Cavalcanti visita Altamira, considerado o maior município do mundo depara-se, portanto com um clima de temperatura de calor elevado: “Sob um sol de torrar, desembarcamos em Altamira” (p. 98).

Mas não deixa mostrar essa dicotomia entre quente e úmido, como mostra neste momento em que procura abrigo, após ser abandonado na selva por seqüestradores: “A chuva não dava tréguas. Eu caminhava sem saber exatamente para onde estava indo” (p. 223) – a título de informação, o jornalista foi seqüestrado na cidade de Belém, supostamente, por causa das suas reportagens de denúncias: “Isso é só um aviso. Se a matéria sair a gente volta para terminar o serviço”, palavras dos seqüestradores.

Uma primeira menção ao aspecto hidrográfico é dada, durante um sobrevôo de helicóptero, pela BR – 174, em Roraima. O repórter percebe o seguinte: Os igarapés e lagos da região estavam completamente secos. Em alguns trechos, o Rio Branco, o maior e mais caudaloso de Roraima havia sido resumido a poças d’água (p. 16). E completa: Os riachos e açudes da região estavam totalmente secos. Os únicos riachos que ainda tinham um pouco de água estavam a mais de 1 hora e meia de vôo, [...] (p. 17).

Ao fazer uma matéria sobre hotéis de selva, no Estado do Amazonas, ele descreve a hidrografia dessa região ele destaca:

Enquanto chega-se ao monumental Ariaú em pouco mais de uma hora de barco, saindo de Manaus a viagem até o tosco Amazon Lodg, do mesmo ponto de partida, leva cerca de seis horas - cinco de voadeira (pequeno barco de alumínio, movido a motor) e uma de carro (p. 70).

Sem esconder uma certa surpresa, o autor mostra-se encantamento com as maravilhas naturais da Amazônia:

No trajeto até o Ariaú, pude contemplar, pela primeira vez, a grandiosidade do encontro do Rio Solimões com Negro. Da união desses dois gigantes amazônicos nasce o maior rio do planeta: o Amazonas, com seus mais de 7 000 quilômetros de extensão. O “Encontro das Águas”, como o fenômeno é conhecido, realmente é fascinante. De tão díspares, as águas do Negro e do Solimões percorrem quilômetros e mais quilômetros lado a lado, porém sem se misturar, até a união plena, que dá origem ao inigualável Amazonas, um verdadeiro oceano doce (idem).

A hidrografia amazônica revelada, o autor mostra essa realidade através de outras vozes, de reais personagens presentes em sua expedição e que fazem parte de sua obra:

[...] Em alguns pontos, o Rio Negro, é tão largo que não se consegue enxergar as margens. “Vocês tem certeza de que isso é um rio mesmo”, perguntou uma turista japonesa ao guia do hotel. “[...] Neste trecho, o Rio Negro tem mais de 10 quilômetros de largura”, apregoava o guia, seguido por um arrebatado dueto (p. 70-71).

Esse aspecto hidrográfico mostrado pelo autor, ele como que o desenha e mistura outros que de outra forma não poderiam deixar de ser, em se tratando de Amazônia, isto é, mesclar os elementos terra (floresta) e água (rios); como se pode perceber:

“[...] Sob a tímida luz da lua, o paredão de árvores emoldurava a nossa estrada aquática parecia um enorme muro negro. As voadeiras deslizavam, serenas e silenciosas, sobre um dos milhares de braços do Rio Negro” (p. 72).

Desse ajuntamento de elementos o autor constrói a realidade amazônica desenhado em um cenário real, que se apresenta à sua visão pelo estranhamento, causado singularidade da realidade amazônica, única e irrepetível:

São dezenas de cachoeiras, encantadoras praias de água doce e grandes pedaços de selva ainda intocados (p. 98).

De volta ao Estado do Pará, Cavalcanti também mostra a hidrografia aceânica presente nos rios da Amazônia. Para chegar a algumas aldeias indígenas – Altamira está repleta delas -, era preciso passar até 6 horas navegando pelo caudaloso admirável Rio Xingu, que banha o município (p. 99).

Rodovias aquáticas. Essa é a expressão encontrada pelo autor para designar a hidrografia da região, mesclada com a vegetação, à qual ele chama de moldura dos rios, quando da sua viagem ao município de Maués, Amazonas:

Dezenas de braços de rios e centenas de fendas que levariam a igarapés ocultos surgiam no caminho. A uniforme muralha verde de árvores imensas e robustas, emolduravam a estrada de água doce (p. 124).

Ainda no Estado do Amazonas ele apresenta o seguinte cenário:

Nunca havia passado tanto tempo sem pisar em terra firme. Já estávamos a bordo do barco Uacari há dois dias e o único chão sob nossos pés era o assoalho da resistente embarcação ou o piso de alumínio da voadeira que nos levava a incursões pela exuberante floresta alagada, na região de Amanã. Espreada em 23 500 quilômetros quadrados – maior que o Estado de Sergipe – no coração do Amazonas. Amanã era a mais nova reserva biológica do país (p. 163).

Numa outra realidade, no Estado do Amapá o cenário hidrográfico é outro. Klester Cavalcanti apresenta a sua primeira impressão após chegar ao lugar considerado a maior favela sobre palafitas do mundo, município do Jari (AP):

Uma larga fatia do rio já tinha sido aterrada, mas a primeira visão de quem chega de barco a Laranjal do Jarí- nome oficial da insólita cidade- ainda é a dos casebres de madeira. Levemente inclinados, eles parecem esperar a próxima marola para desabar rio abaixo – mas raramente isso acontece (207).

Com a intenção de visitar a cachoeira de Santo Antônio, no Jari, onde se pretendia construir uma hidrelétrica, Cavalcanti relata: [...] Aluguei uma voadeira e parti para a cachoeira Santo Antônio [...] De barco a viagem até a cachoeira levaria 50 minutos, [...] (p. 209).

Para o autor o seu primeiro encontro com a vegetação amazônica acontece quando ele acompanhar uma operação de salvamento na selva, região de Roraima, acompanhado dos homens do Exército Brasileiro e da Brigada Argentina, o autor expressa:

[...] essa região da Amazônia possui uma população considerável de pau-d'água, uma espécie de palmeira de cujos galhos podem ser retirados alguns mililitros de água fresca e saborosa (p. 53).

Para falar da Floresta Amazônica imponente e intocável ele utiliza o seguinte trecho:

[...] Durante todo percurso, a Floresta Amazônica se mostrava imponente e intocável. Árvores seculares, de mais de 40 metros de altura, formavam um gigantesco tapete verde sob o nosso pequeno avião. Éramos um infinito ponto no meio daquela imensidão selvagem. “Quantos mistérios e segredos estão ocultos debaixo das copas das árvores? Quantas espécies de animais e vegetais ainda guardam para ser descobertas? [...]” (p. 87).

Na Amazônia, às vezes não há como falar de um aspecto sem mencionar um outro. Neste caso, o autor mescla mais uma vez o aspecto fauna e flora:

Despertamos com a algazarra dos macacos guaribas, cujos urros estrepitavam floresta adentro. Quem ouve os assustadores gritos, sem nunca ter sido apresentado aos respectivos emissores, facilmente conclui se tratar de uivos de monstros opulentos e ferozes... Deslumbrados com o bucólico cenário, iniciamos a caçada aos piratas da selva (p. 151).

O fato acima se dá pela ocasião em que o autor está às margens do Rio Purus, divisa entre o Acre e o Amazonas.

No Amazonas, em Amanã, reserva biológica, Cavalcanti este pedaço do espaço territorial amazônico:

O motivo da minha estada nesse naco ainda intocado da Amazônia era a criação da reserva, que promovia a união de duas outras áreas preservadas – o Parque Nacional do Jaú e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, ambos no Amazonas -, formando o maior corredor de floresta tropical protegida do planeta. Uma gigantesca fatia de selva de 57 400 quilômetros quadrados – quase duas vezes a área da Bélgica (p. 163)

E acrescenta os elementos fauna, flora e rios:

O lago Amanã é de uma beleza incomensurável. É o maior lago de toda a Amazônia, com vastos 45 quilômetros de extensão e até 3 quilômetros de largura em alguns trechos. Fica difícil olhar aquele mundaréu de águas, cercado de selva por todos os lados, e aceitar que se trata apenas de um lago. Se alguém dissesse que era um rio, não haveria quem questionasse. A imensidão do Amanã atrai uma fauna diversificada e fabulosa. Bandos de guarás e garças descansam nos amplos campos que emergem no período da estiagem – de junho a outubro. Pelos calculos dos cientistas, em toda reserva do Amanã vivem cerca de 25 espécies de macacos, quinhentas de aves,

seiscentas de peixes e mais de setecentos tipos de plantas. No entorno do gigantesco lago, avista-se animais fascinantes, como a onça-preta, o gavião real, o pacato peixe-boi, e o lendário boto cor-de-rosa. Em poucos lugares da Amazônia encontra-se a floresta tão rica, linda e intocada quanto por essas paragens (p. 167-168).

No Estado do Pará outra situação vivenciada pelo autor, desta vez num centro urbano, mas que apresenta a mesma exuberância dos encantos da floresta:

“Chegamos a tempo de participar de um saboroso luau, numa ilha do rio Xingu. Esse é um dos programas favoritos da rapaziada da cidade. As turmas levam comida, bebida e nunca esquecem de colocar um violão a bordo da lancha ou da voadeira” (p. 118).

Em outras situações que ainda não serão abordadas neste capítulo pode-se perceber a interferência do homem na natureza amazônica, como diz o autor:

Como nenhum fazendeiro tem boi o bastante para tanto espaço, surgem situações inaceitáveis, como propriedades em que um único animal tem, só para si, mais de 10 000 metros quadrados de pasto – maior que um campo de futebol (p. 199).

Pode-se considerar que Klester Cavalcanti constrói esse objeto semiótico chamado Amazônia ao dialogar com outros personagens e ao mesmo tempo insere discursos próprios que são mostrados no fio dos enunciados. Antes, porém, como ele menciona no início deste texto o mesmo não conhecia a Amazônia somente de leituras: “tudo o que eu sabia sobre a Amazônia era o que tinha lido em livros e enciclopédias” (cf. p.247). De um lado, a obra apresenta alguns discursos de estranhamento, desabafos, encantamentos do próprio autor.

“Já tinha ouvido falar que Roraima era quente, mas aquilo estava parecendo um inferno. Além do calor insuportável, a cidade estava coberta por um basto lençol de fuma” - (cf. p. 13-14). “Sob um sol de torrar, desembarcamos em Altamira” - (cf. p. 98). “No trajeto até o Ariáú, pude contemplar, pela primeira vez, a grandiosidade do encontro do Rio Solimões com Negro. Da união desses dois gigantes amazônicos nasce o maior rio do planeta: o Amazonas, com seus mais de 7 000 quilômetros de extensão. O “Encontro das Águas”, como o fenômeno é conhecido, realmente é fascinante. De tão díspares, as águas do Negro e do Solimões percorrem quilômetros e mais quilômetros lado a lado, porém sem se misturar, até a união plena, que dá origem ao inigualável Amazonas, um verdadeiro oceano doce” (cf. p. 70).

Por outro lado, se encontra no fio das enunciações discursos alheios, utilizados pelo autor, como na fala a seguir:

“Vocês têm certeza de que isso é um rio mesmo”, perguntou uma turista japonesa ao guia do hotel. “[...] Neste trecho, o Rio Negro tem mais de 10 quilômetros de largura”, apregoava o guia, seguido por um arrebatado dueto (p. 70-71).

Pode-se perceber que o autor utiliza mais discursos próprios. Apenas um discurso alheio é citado à medida que constrói impressões sobre a Amazônia. Além disso, Cavalcanti utiliza esses enunciados para demonstrar seu encantamento pela região e dá certos nomes aos objetos que vê como:

Nestes fragmentos se pode perceber que o autor ao caracterizar a Amazônia não esconde seu encantamento ao se deparar com determinadas realidades e constrói referenciais sobre os objetos semióticos:

- fantástico e misterioso pedaço de Terra; (p. 247)

- inigualável Amazonas, um verdadeiro oceano doce (p. 70).

- “[...] Sob a tímida luz da lua, o paredão de árvores emoldurava a nossa estrada aquática parecia um enorme muro negro. As voadeiras deslizavam serenas e silenciosas, sobre um dos milhares de braços do Rio Negro” (p. 72).

- “[...] Durante todo percurso, a Floresta Amazônica se mostrava imponente e intocável” (p. 87).

- “A uniforme muralha verde de árvores imensas e robustas, emolduravam a estrada de água doce” (p. 124).

- “O lago Amanã é de uma beleza incomensurável [...] Em poucos lugares da Amazônia encontra-se a floresta tão rica, linda e intocada quanto por essas paragens” (p. 167-168).

Basicamente o autor tem uma visão geral sobre a Amazônia de que tudo é: imponente e intocável; beleza incomensurável; fauna diversificada e fabulosa; animais fascinantes; mundaréu de águas, cercado de selva por todos os lados.

De acordo com Cavalcanti a Amazônia Legal que pertence ao Brasil corresponde aos seguintes estados: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia, Tocantins e parte do Maranhão e do Mato Grosso. “Se fosse um país, a Amazônia Legal seria o sexto país do mundo” (cf. p. 245).

Cavalcanti apresenta algumas características da fauna e da flora amazônica, apresentando dados estatísticos, conforme sua pesquisa, durante a elaboração de sua obra:

A Amazônia “ocupa 3,3 milhões de quilômetros quadrados e possui a maior biodiversidade do planeta. São mais de 320 espécies de mamíferos, 10 milhões de insetos, 300 de répteis, 30 000 de plantas e mais 3 000 espécies de peixes” (idem).

“As áreas de conservação – Parques Nacionais, Reservas Nacionais, Reservas Biológicas e Florestas Nacionais – somam mais de 60 000 quilômetros quadrados, duas vezes a área da Bélgica” (p. 246).

“A Bacia Amazônica é a maior bacia hidrográfica do mundo, ocupando uma área de 7 milhões de quilômetros quadrados, dos quais, 3,9 milhões em terras brasileiras”. E o Rio Amazonas, o maior do mundo, tem mais de 7 000 quilômetros de extensão; pode medir até 50 quilômetros de largura e tem 7 000 afluentes; e um total de 80 000 lagos e canais. Klester Cavalcanti ainda acrescenta que existem 25 000 quilômetros de rios navegáveis. (Ibidem)

E o autor faz uma indagação: “Quantos mistérios e segredos estão ocultos debaixo das copas das árvores? Quantas espécies de animais e vegetais ainda guardam para ser descobertas? [...]”

3.2. O amazônida e a natureza amazônica

Logo no início de sua obra o autor faz uma alusão infernal da Amazônia. Mas ao mesmo tempo pode ser considerada uma situação isolada, pois na maior parte da sua narrativa ele apresenta uma visão edênica da natureza e faz destaque para o homem amazônida integrado com a natureza, como perceberemos no decorrer da pesquisa.

Apesar de ser época de chuva, ao chegar em Boa Vista (RR) Klester Cavalcanti apresenta a seguinte situação natural, que tem a intervenção do homem sobre a natureza:

“[...] as chamas estavam engolindo a floresta. O Governo Federal ainda não percebera as dimensões desastrosas das queimadas iniciadas por índios e colonos da região e que, naquele momento devastavam matas, campos e lavouras de Roraima” (p. 13).

“O prejuízo ambiental era muito maior do que pensávamos. A floresta pegava fogo como se de papel se tratasse. Os igarapés e lagos da região estavam completamente secos” (p. 16).

“[...] A gente só tascou fogo pra limpar a roça. Mas veio o vento forte e fez essa desgraça. Tão seco que o fogo saiu destruindo tudo e a gente não pode fazer nada”, nos disse um dos rapazes da aldeia (Idem).

“Esse incêndio só vai acabar quando Deus quiser”, concluiu, em tom profético, o nosso bravo e audaz piloto (p. 17).

“Observando aquelas colunas de fogo devorando vorazmente a maior floresta tropical do mundo, pensei: “Tão imensa e vulnerável”. Já tinha ouvido falar, por *zilhões* de vezes, ambientalistas esbravejando em defesa da Amazônia, apregoando que, se não a preservássemos, poderíamos perder toda sua incalculável riqueza”. E acrescenta: “Pela primeira vez percebia que não era ladainha de *ecoxiita*” (p. 18).

“De acordo com os dados do Inpa, o fogo já tinha engolido quase 37 000 quilômetros quadrados de Roraima, área onde caberia, com sobras, uma Bélgica inteira” (p. 22).

“Os focos de incêndio eram incontáveis e o fumaceiro abafava toda a cidade. Nuvens escuras cobriam o aeroporto, as estradas e as casas. Não se via nada. A névoa cheirando a mato queimado não permitia enxergar um palmo à frente do nariz [...]” (p. 23).

Conseqüências da intervenção do homem na natureza, no caso de queimadas, na região de Roraima é só um exemplo do dano causado ao próprio homem amazônida: “O cacique Raul – um senhor de 62 anos, forte como um tronco de castanheira – estava desesperado. ‘ A gente perdeu a roça toda, galinhas e a água do riacho está secando’, lamentava” (p. 25).

“[...] ‘O branco vem tirar ouro dos rios da gente e deixa tudo imundo’, reclamava Raul, com sua voz compassada” (p.29).

“[...] Os focos estavam espalhados pelos quatro cantos do Estado [Roraima] [...] Um dos municípios mais atingidos era Mucajaí, a 130 quilômetros de Boa Vista. [...] Vilas inteiras e pequenas propriedades rurais estavam ilhadas pelas cinzas” (p. 45).

“As imagens que vimos durante a viagem até Mucajaí eram assombrosas. Animais mortos ou agonizando às margens da BR – 174, campos lavouras devastados e um túnel de fumaça cobrindo todo percurso. Era lastimável observar um pedaço tão belo e fértil da Amazônia naquelas condições” (p. 47).

“A cada dúzia de minutos, ouvíamos os helicópteros cortando o céu e despejando o aguaceiro. Em cada viagem, eles soltavam 1 000 litros de água sobre a selva em chamas” (p. 50).

“Estávamos ali como jornalistas, é verdade, mas não podíamos ficar de braços cruzados, assistindo, inertes, aqueles valorosos homens suando bicas para impedir que a tragédia fosse ainda maior” (idem).

“O cenário era aterrador. Árvores seculares reduzidas a mórbidos esqueletos enegrecidos. Dezenas de animais tentando fugir da floresta em chamas outros mortos, com os corpos tostados pelo fogo impiedoso [...]” (p. 51).

“Descobri que a desgraça – pelo menos ali, no meio da Floresta Amazônica, e sob aquelas condições – tem voz. Uma voz rouca e estridente, capaz de causar pânico até mesmo no mais brioso dos homens. De tão vorazes, as colunas de fogo soltavam estrondosos rugidos ao devorar árvores [...]” (Idem).

O olhar do autor sobre a Amazônia não é só de encantamento e/ou deslumbramento, mas também de diligência e revelador.

“Durante a viagem, eu e Janduari ficamos impressionados com o tamanho de algumas fazendas. Em determinados trechos, os olhos corriam até o horizonte sem encontrar um resquício sequer de selva nativa. Quanto mais nos aproximávamos da divisa com o Mato Grosso, mais a situação piorava. ‘Há 10 anos, tudo isso aqui era floresta. Agora, está essa desgraça. Os fazendeiros derrubam tudo para colocar os bois deles’, reclamou Fumaça (o piloto)” (p. 102).

“O cacique Raoni é uma lenda viva num oceano de fábulas e personagens da exuberante Amazônia. Foi um dos primeiros índios a conquistar o mundo dos brancos. Muitos o consideram um ícone do que há de melhor na floresta” (p. 115).

O olhar de estranhamento ante a convivência entre homem e a natureza:

“Antes de partirmos para Maués, no entanto, precisávamos comprar combustível. Foi quando eu vi, pela primeira vez, algo muito normal no universo das águas que é a Amazônia, mas totalmente unimaginável para quem não conhece a região. O posto de combustível onde paramos para abastecer o nosso barco estava flutuando sobre o Rio Negro. A cerca de cinco minutos do porto de Manaus, lá estava ele um verdadeiro posto flutuante” (p. 123).

“Todos os pesquisadores com quem conversei sempre disseram que os animais selvagens não atacam as pessoas, por que na floresta há comida demais para eles [...] A não ser nos casos de o animal estar doente ou muito velho [...]” (p. 137).

“A única que eu queria saber sobre a esdrúxula pirâmide era quem havia erguido no meio da selva e para quê. Mas isso eu só iria ficar sabendo

três ou quatro meses mais tarde, durante uma reportagem em Coari, no Amazonas, sobre um projeto Petrobrás. Comentei o assunto com um dos técnicos da empresa e um dos engenheiros disse se tratar de um empresário francês, que queria construir um hotel esotérico na floresta. ‘A pirâmide seria o local das meditações’, ressaltou o engenheiro” (p. 141).

Sobre o contrabando de madeira na floresta amazônica:

“Ele acabara de descobrir uma falcatrua sem precedentes, minuciosamente articulada para contrabandear mogno das selvas do Amazonas. O roubo da valiosa árvore já vinha ocorrendo há alguns meses, mas, de tão perfeita, a armação tinha passado despercebida. Pelo menos até aquele momento. Madeireiros do Acre – onde o mogno já escasseou – tinham aberto uma gigantesca trilha, de 51 quilômetros, no meio da selva [...] As árvores eram derrubadas, colocadas em caminhões e levadas para o Acre, de onde eram despejadas para o sul do país e para o exterior” (pp. 148-149).

“A trilha que os madeireiros tinham rasgado no meio da floresta era extremamente tosca. Os sucessíveis buracos” (p. 151).

“A área era maior que um campo de futebol e as imensas toras estavam à espera dos caminhões que as levaria para Sena Madureira. Na pequena cidade, parte da madeira derrubada seria reduzida a tábuas. Mas a maioria das toras viajaria de caminhão, para o sul do Brasil, ou de navio, para o Exterior. Numa ligeira olhada, os agentes do Ibama estimaram haver naquele cemitério de árvores cerca de 100 metros cúbicos de mogno. Nos bolsos dos madeireiros. Isso significa mais de 120 mil reais” (p. 153).

“Cientistas do mundo inteiro entram com o conhecimento teórico e os ribeirinhos, com o empírico. A inteligente parceria já resultou na descoberta de novas espécies de animais, melhorou a qualidade de vida das comunidades e fez da Reserva de Mamirauá um exemplo mundial de conservação ambiental” (pp. 168-169).

“De acordo com as imagens de satélite, o desmatamento que Gatto efetuara em 1998 tinha sido 24 quilômetros quadrados – o equivalente a 2 800 campos de futebol. A derrubada era ilegal e figurava entre os dez maiores desmatamentos dos anos de 1997 e 1998” (p. 191).

“Apenas no ano de 1998, os dez vilões descobertos [...] devoraram, juntos, 270 quilômetros quadrados da Floresta Amazônica. Em outras palavras, eles arrancaram do pedaço do planeta um pedaço de selva nativa bem maior que duas vezes a cidade de Paris, na França” (p. 199).

“Para nossa surpresa, os manifestantes vociferavam a favor do desmatamento: ‘ Se o nosso desenvolvimento exige a derrubada da floresta, então vamos derrubá-la! ’ apregoava o então suplente de senador Eloi de Alameida, do PMDB” (p. 200).

“Uma das falcatruas mais comuns era o fato de as árvores derrubadas estarem em propriedades sem autorização para o desmatamento.

“O misterioso latifundiário era dono de mais de 27 000 quilômetros quadrados de Amazônia – quase uma Bélgica inteira” (p. 232).

IV RELAÇÕES SOCIAIS NA AMAZÔNIA

No que dizem respeito ao poder político, tradicional, ‘senhor/escravo’, econômico, ideológico e a relação homem/Estado, na região amazônica. No percurso da obra se pode ver que essas relações dialogam entre si, à medida que o autor descreve o que vê e apresenta seu ponto de vista. Muitas vezes ele próprio participa desses diálogos, não só como escritor/jornalista, mas como personagem. Mostrar as relações presentes na Amazônia, em certos momentos se confundem com as relações deste lugar com o resto do Brasil que será apresentado no próximo capítulo.

4.1 Relações de tradição e poder

Vale lembrar que o período que passou na Amazônia, Klester Cavalcanti morou em Belém (PA) e no início de seu trabalho cobriu acontecimentos no Estado de Roraima. Na passagem que se segue podem-se perceber as relações humanas caracterizada em um ritual indígena. Uma celebração que mescla poder e tradição, tendo a frente o cacique de uma tribo do Estado de Roraima. Esse personagem é considerado pela tribo como aquele que exerce liderança entre os índios de uma aldeia. Neste caso, o autor se refere ao cacique Raul, um senhor de 62 anos (cf. p. 25), - líder de uma tribo Ianomâmi. No meio desse ritual indígena Cavalcanti se depara com a seguinte cena:

 Todos eles estavam reunidos em volta de uma imensa fogueira. [...] Os homens, só de tanga e com corpos pintados, se dividiam entre os percussionistas e outros que apresentavam um misto de luta e dança. [...] As mulheres, com seios desnudos, vestiam tangas ou shorts importados da

civilização. Tive a impressão de que faziam às vezes da platéia, obedecendo à tradição antropológica do macho que quer se exibir para a fêmea (p. 30).

O autor descreve relações de integração, tradição e modernidade. Ao mesmo tempo, compara essa ação, que lhe causa admiração, com elementos do mundo dito civilizado. A observação de Cavalcanti também suscita um diálogo consigo próprio sobre o que acabara de presenciar: “Dois meses atrás, eu estava em São Paulo, a maior cidade da América Latina, [...]. Agora, meu corpo estava paralisado diante de um ritual indígena milenar no coração da Amazônia. (Idem). Ao questionar o sentido desse momento festivo por parte dos indígenas dessa tribo, um índio chamado Jair explica ao repórter: “Hoje é aniversário do sobrinho do pajé” (Ibidem). Essas relações humanas e sociais ultrapassam um simples encontro com o outro, mas convergem relações que integram tradição e modernidade nos seres em questão. O autor avalia esse momento: “A festa mais animada do que muita pista de dança de São Pulo” (p. 31).

Cavalcanti narra outro detalhe que, como consequência da primeira cena, descreve uma relação de poder do líder indígena sobre os demais índios: “Uma fila de quatro adolescentes estava formada aos pés do líder. Todos ajoelhados” (p. 33). O pajé mantém a liderança espiritual. Uma figura também conhecida como o curandeiro da tribo. Uma espécie de sacerdote que detém o poder no ritual sagrado. E conseqüentemente sobre os próprios índios que o vêem como ser sobrenatural. Assim, tanto a figura do cacique quanto do pajé promove uma relação de poder; o que é muito comum nas aldeias indígenas da Amazônia.

4.2 Relações sócio-política e familiar

No interior da Amazônia é comum associar a relação de autoridade política com a relação de poder. Por exemplo, na inauguração de uma escola em Altamira (PA) as relações políticas se estreitam com a visita do prefeito para inaugurar uma escola, naquele município. “Fiquei realmente interessado em saber que a história era aquela de Altamira, uma cidade largada no meio do território paraense, ser o maior município do mundo” (p. 97). [...] “O meu chefe em São Paulo, Laurentino Gomes, achou a história interessante e aprovou a pauta imediatamente” (p. 98).

De acordo com Cavalcanti, uma das idéias da matéria era mostrar como o prefeito do maior município do mundo (cf. p. 91) conseguia dar assistência.

Naquele momento, todos os moradores estavam na escola. Ter o prefeito, em carne e osso, na inauguração do novo centro escolar era honra para eles. As crianças, todas limpinhas, bem penteadas e com camisas brancas, formavam um semicírculo em volta da mesa onde o prefeito e outras figuras ilustres estavam sentadas (p. 99).

Outro tipo de relação que se pôde perceber na obra de Cavalcanti são as relações humanas/ interpessoais, como no seguinte recorte, descrito pelo autor que mostra ao mesmo tempo integração entre homem e natureza construindo relações sociais.

Chegamos a tempo de participar de um saboroso luau, numa magnífica ilha do Xingú. Esse é um dos programas favoritos da rapaziada da cidade. As turmas levam comida, bebida e nunca esquecem de colocar um violão a bordo da lancha ou da voadeira. Cada grupo vai para uma das ilhas que emergem no meio do Xingú na época de seca (p. 118).

Nas relações humanas e sociais na Amazônia, um detalhe chama a atenção. Uma relação familiar - atípica - é citada pelo autor, quando da sua visita ao município de Maués (AM). Esta relação humana, segundo Cavalcanti é comum em outros lugares do Brasil.

Outro caso era sobre Eunice, uma mulher de 37 anos que vivia, sob o mesmo teto, com seus quatro maridos. A poligamia tinha produzido uma grande família: 16 filhos e 5 netos. “Ela teve o primeiro bebê com 15 anos e não parou mais”, ressaltou o guia (p. 126).
[...] Mas, pensando bem, casos assim não são exclusividade de Maués (p. 127).

No trecho a seguir podemos perceber um misto de relações sociais: de poder, político e institucional – a presença do Estado, representada pelo Ibama. O órgão está integrado na vida do povo da região amazônica; geralmente seus agentes tem que fazer o papel de defensores da floresta. Contudo, ao defenderem a floresta se tornam alvos daqueles que não tem outra intenção a não ser explorar as riquezas naturais. Daí o Ibama ser uma das forças do Estado que mais se relaciona diretamente o amazônida, seja o homem da floresta, o ribeirinho e o homem da cidade.

O “doutor Casara” tratava-se de Hamilto Casara, conhecido em toda a região por sua integridade e competência – virtudes raras nos Ibamas de todo o Brasil. Por combater madeireiras irregulares, desmatamentos clandestinos e políticos comprometidos com a devastação da floresta. Casara já tinha recebido um sem-número de ameaças de morte e sofrido outras tantas represálias políticas. A despeito de tudo e apoiado por Brasília, permanecia no cargo (p. 148).

Numa relação social também se pode encontrar elementos de violência. Mas mantido certo controle pela força policial do Estado:

“De uns dias para cá, tivemos muitos assaltos. O povo está com medo de sair de casa”, disse o chefe do posto do Ibama no município, que emprestou dois de seus três agentes para a operação” (p. 150).

Ao narrar suas aventuras, Cavalcanti se deslumbra com o mundo edênico representado no cenário amazônico e que possibilita a construção de relações sociais entre o amazônida e o visitante:

Embarcamos na voadeira – eu, Ayres, João Paulo e Niele – e seguimos para outra fabulosa reserva ecológica: Mamirauá. Ali pesquisadores e moradores locais fazem um trabalho excepcional. Cientistas do mundo inteiro entram em conhecimento teórico e os ribeirinhos com o empírico. A inteligente parceria já resultou na descoberta de dezenas de novas espécies de animais, melhorou a qualidade de vida das comunidades e fez da Reserva Mamirauá um exemplo mundial de conservação ambiental (p. 168-169).

Na Amazônia, às vezes divulgada pela mídia nacional, no oeste da região, especificamente o Estado do Pará, ainda é comum uma relação de domínio escravista por parte de fazendeiros. O que se poderia chamar de coronelismo moderno.

Infelizmente, os dados que motivaram a matéria chamavam a atenção para uma das mais peçonhentas chagas de nosso país: o trabalho escravo. E é na Amazônia, onde essa revoltante forma de explorar a mão-de-obra de gente pobre e humilde é verificada em maior quantidade no Brasil (p. 179).

E Cavalcanti relata cenas desse tipo de ação: “O trabalhador é obrigado a permanecer no local e quem tenta fugir é capturado, acorrentado e espancado. Não raro, até mesmo assassinado” (p. 180). De acordo com o autor, o trabalhador recebe um mísero salário e cumpre uma carga horária desumana, sem direito trabalhista.

A relação de poder exercida por esses tipos de fazendeiros caminha sempre ao lado da violência. Klester Cavalcanti destaca uma das cenas de confronto entre fazendeiros e a polícia que culminaria na libertação de trabalhadores mantidos em regime escravista. “Até pouco mais de 12 horas atrás, eram todos escravos do madeireiro Glênio Estefanes, proprietário da fazenda. Com a invasão da polícia, que resultou na morte de cinco jagunços e do próprio

Glênio, essas pessoas teriam de volta a liberdade (p.182). Neste cenário as relações de poder são bastante comuns. O uso da força em função da violência. E o repórter acrescenta: [...] invariavelmente, as escravas são violentadas pelos capangas das fazendas (Idem).

4.3 Relações econômica-política-ideológica

Dentro das relações presentes na região, o autor narra um diálogo do tipo de relação econômico-política, Mas que fazem uso do poder, ou o uso da esperteza de quem se utiliza do poder dado pelo voto:

- Por que não se constroem pontes por aqui? Não custaria muito e acabaria com esse negócio de balsa – resmunguei.
- Seria ótimo. A bronca é que a balsa pertence a um vereador da região e toda vez que alguém fala em botar uma ponte aqui ele cria confusão – disse um dos agentes da Polícia Federal
- [...]
- O cara embolsa 2.500 reais por mês – emendou Janduari, com precisão digna de Pitágoras.
- Por essas bandas, 2.000 reais valem muito – observou o policial (p. 181).

E finalmente, a cena de uma relação de “poder”, própria de quem detém o lucro fruto de uma ação corrupta. Nesse caso, um madeireiro que tenta subornar o repórter para que uma matéria não seja veiculada.

Ao entrevistar um madeireiro que também é fazendeiro, o repórter, acompanhado de um agente do Ibama, encontra o homem procurado que lhe encontra com uma chave na mão e diz:

“- Esta é a chave do meu carro. Comprei há menos de dois meses. É uma linda D-20 linda. O documento está no porta-luvas. Pode levar, mas não coloque o meu nome na sua matéria” (p.198).

Nessas relações sociais do homem amazônida, Klester Cavalcanti demonstra, fio do discurso, que a maioria delas está ligada ao poder do homem sobre o próprio homem – do mais forte sobre o mais fraco. Geralmente aquele que por necessidade se submete ao domínio de quem tem dinheiro ou tem o poder sóciopolíticocultural, no caso dos líderes indígenas.

Na Amazônia, as relações sociais de cunho político-ideológico norteiam a mentalidade de quem está determinado explorar os recursos naturais. Dentre os que encabeçam essas ações estão políticos e empresários. Eles pregam a ideologia de que a derrubada da floresta é em benefício do desenvolvimento:

O intrigante é que os políticos e empresários dessas regiões costumam apoiar a devastação. Durante os dias que passamos produzindo essa reportagem, eu e Janduari tivemos a felicidade de assistir a um ato público, organizado pelos políticos mato-grossenses, em Alta Floresta, no norte do Estado. Para nossa surpresa, os manifestantes vociferavam a favor do desmatamento. ‘*Se o nosso desenvolvimento exige a derrubada da floresta, então vamos derrubá-la!*’, apregoava o então suplente de Senador Eloi de Almeida, do PMDB (p. 200, grifo nosso).

E o autor também descreve:

“Da praça onde os políticos locais faziam discursos inflamados contra a preservação da maior e mais rica tropical do mundo, uma multidão seguiu, em passeata, para o aeroporto da cidade (Idem)”.

Em outro momento, no Estado do Amapá, o autor se depara com uma realidade de pobreza. Uma economia escassa, e, que como única opção de trabalho homens e mulheres se deixam ser explorados. Aqui as relações se confundem entre o que é relação humana e o que é relação econômica.

O povo é muito pobre. Os homens que não conseguiram emprego no Projeto Jari vivem de bico ou trabalham no túbio comércio local. As mulheres cuidam da casa ou dos filhos. As mais jovens, sem opção, terminam escolhendo as mais antigas das profissões. Algumas parecem tão novas – e talvez sejam mesmo – que fica até difícil acreditar que se trata de prostitutas. Foi uma dessas que nos deu boas vindas (p. 207).

E para reafirmar o seu desencanto com essa realidade amazônica ele descreve a seguinte expressão: ‘É dez reais. Vai querer?’ Carlinha é o nome da moça. E o barqueiro que acompanhava Klester Cavalcanti diz: [...] ‘É melhor você aproveitar, por que geralmente ela cobra vintinho’ (p. 208). Esse fato ocorreu em uma localidade chamada Jari, no Amapá. De acordo com o autor, “os primeiros cem metros da rua principal, que liga o centro de Beiradão ao rio, eram dedicados a estabelecimentos repletos de moças bem menos recatadas que Carlinha” (Idem).

A questão econômica e ideológica ainda é muito presente na região amazônica. As relações humanas e sociais são praticamente construídas em torno de um poder que visa somente explorar não só a natureza, mas as pessoas. Por isso uma relação humana e social, às vezes também estar ligada a relação sexual.

Em toda obra de Cavalcanti os assuntos que mais perpassam a narrativa de seus discursos giram em torno da exploração dos bens naturais da Amazônia, principalmente das

terras que viram propriedade clandestina. Isso é fruto de relações sociais de quadrilhas formadas por pessoas que habitam o território amazônica - segundo as investigações de Cavalcanti, como ele descreve:

Nessas propriedades, nada é plantado, criado ou construído. O objetivo do esquema é apenas obter as terras de forma clandestina e vendê-las a madeireiros. Pode parecer simples, mas o trabalho é complicado e envolve gente de várias áreas de atuação. Na quadrilha, há advogados, donos de cartórios, juízes, políticos, funcionários de órgãos estaduais ligados a questão agrária e empresários do setor madeireiro. A falcatura começa no balcão do cartório (p. 233).

Ao que tudo indica o trabalho de correspondente desse repórter esteve sempre voltado para investigação de relações fraudulentas, que envolvem pessoas que deveriam estar do a serviço do bem comum, mas estão para servir seus próprios interesses. “Além de Dauri Martinelli, conversei com outros cinco madeireiros, com advogados juízes, donos de cartórios e policiais suspeitos de integrarem a máfia. Todos do time de Titan Viegas” (p. 236), um advogado que comprava terras em nome de Carlos Medeiros, suspeito de praticar grilagem de terras (cf. p. 234).

V AS RELAÇÕES ENTRE A AMAZÔNIA E O RESTANTE DO BRASIL

Após verificarmos como são estabelecidas as relações sociais na Amazônia, cabe aqui identificar como são construídas as relações entre a Amazônia e o restante do Brasil. A partir do que evidencia as relações entre os homens e o Estado, os Meios de Comunicação e o papel do autor enquanto estrangeiro, - o seu encantamento e estranhamento.

5.1 O autor como estrangeiro

Dentro de seu território, o índio detém uma relação de poder sobre o branco. Neste discurso o autor demonstra relações de poder, mencionando atitudes de imposição de força ao prenderem o avião de uma mineradora que estava em solo da aldeia conhecida como Baú (cf. p. 102). Como se pode ver neste diálogo:

- Esses índios têm avião?
- Não – respondeu Fumaça.
- E que avião é aquele que está parado em frente às cabanas?

- Ah! Aquele é o monomotor da mineradora, que eles prenderam e só vão soltar quando a briga terminar.
- Eles prenderam o avião da empresa?
- Prenderam. Esses índios são brigões. Eu não disse a vocês que eles tinham prendido até os funcionários da Funai, que vieram pra cá tentar negociar um acordo de paz? Esses caiapós adoram confusão (p. 103).

Numa outra ocasião em que Klester Cavalcanti adentra da aldeia, logo é recebido com armas, sinalizando ameaças; elemento de poder, justamente por ser considerado branco invasor, por parte dos nativos. Outra relação de poder do índio sobre o homem branco.

- Os problemas começaram pouco antes de o avião parar. Nosso piloto nem havia desligado o motor e nós já estávamos cercados por mais de dez índios. Eles gritavam como loucos. Estavam pintados para guerra e armados, com espingardas, lanças, e arco e flecha. [...] Enquanto nosso piloto sorria e dava tapinhas nas costas dos amigos pele-vermelha, seu monomotor era arrastado para um canto da tribo e amarrado a uma árvore. Achando pouco, os caiapó ainda colocaram vários troncos embaixo do avião (p. 107).
- [...] - Vocês vão ficar aqui, até a Funai mandar soltar – disse o líder da tribo.
 - Como assim? – inquietei-me.
 - Vocês entraram numa reserva indígena sem a Funai autorizar. Agora, vão ficar presos até a Funai mandar soltar.
 - O senhor não pode fazer isso.
 - Posso. **Eu mando nessas terras e vocês e seus amigos são invasores** (p. 109, grifo nosso).

O repórter fica em poder dos índios, por não ter apresentado nenhuma autorização para visitar o território indígena, como ele relata: “O índio entrou em contato com o posto da Funai em Cólider, no Mato Grosso, e foi informado que não havia sido dada nenhuma autorização para nenhuma equipe de reportagem visitar a reserva” (p. 109).

Por outro lado, o repórter tenta utilizar o poder da imprensa, no meio da floresta: “O senhor não imagina a confusão em que pode estar se metendo. Tenho certeza que já ouviu falar da revista Veja. Eu e meu amigo trabalhamos para essa revista” (p. 110)

“- Essa Veja não existe mais. Agora, só *Época*” (p. 111).

Outra relação de poder exercida por um líder indígena é citada pelo autor sobre a pessoa do cacique Raoni. Índio conhecido internacionalmente. E o repórter faz a seguinte avaliação:

O cacique Raoni é uma lenda viva no oceano de fábulas e personagens da exuberante Amazônia. Foi um dos primeiros índios a conquistar o mundo dos brancos. Muitos o consideram um ícone do que há de melhor na floresta. Par outros tantos, não passa de um embusteiro, que se aproveitou do fato de

ter nascido índio para tornar-se rico e famoso. Uma coisa ninguém discute: Raoni tem uma história fascinante (p. 115).

O fascínio do autor pela figura de Raoni, e da relação que ele mantém com o resto do Brasil e do mundo, enquanto personagem amazônida, é lembrado por Cavalcanti.

“Em 1989, o garboso líder caiapó (Raoni) saiu de sua aldeia para rodar o mundo ao lado do músico inglês Sting. Juntos, arrecadaram mais de 1,5 milhão de dólares. A bagatela foi empregada na demarcação da Reserva Indígena do Xingú. Por agenda de encontros já passaram a atriz italiana Cláudia Cardinale, o presidente da França, Jacques Chirac, e até o papa João Paulo II. Todos olharam com admiração para aquele vigoroso símbolo da massacrada Amazônia brasileira” (p. 115).

Para Cavalcanti, o Cacique Raoni é o mais influente índio do Brasil, talvez do mundo (cf. 116). Mas em seu encontro com o índio, o repórter recebe a ira de Raoni: “Vocês invadiram nossas terras. Se eu entrasse na sua casa, sem pedir licença, você iria gostar?” (p. 117).

Nas aventuras de Klester Cavalcanti, das vezes que ele esteve ou quis estar em uma tribo, sempre deparou com a autoridade do líder da aldeia; ou pelos menos foi alertado sobre tal autoridade. Por exemplo, na cidade de Maués o autor pretendia conhecer o ritual das formigas tucandeiras, mas é alertado sobre o poder do índio.

“- Infelizmente, não é assim tão simples. O cacique só autoriza gente de fora a entrar na aldeia se for avisado com antecedência – explicou Marcílio” (p. 125).

Nesse sentido, pode-se ver que o repórter em questão também é considerado invasor. Torna-se personagem das histórias narradas por ele e de seu discurso construído ao longo do livro.

5.2 O poder do Estado

Logo no início de sua obra, Cavalcanti destaca o episódio do incêndio florestal de Roraima. Nessa situação se vê a presença do Estado na figura dos governos estadual e federal. “O governador já tinha decretado estado de calamidade pública e jornalistas dos mais importantes veículos do país e do mundo estavam em Boa Vista” (p. 22). Diante dos fogos de incêndio as pessoas ficam inaptas, resta a ação do Exército Brasileiro e da Brigada Antifogo da Argentina (cf. p. 45).

Em outra ação do Estado presenciada pelo repórter é sobre a ação fraudulenta de funcionários do Ibama que compactuavam com ações de madeireiros.

[...] deparamos com um descampado atochado de toras de mogno. A área era maior que a de um campo de futebol e as imensas toras estavam à espera dos caminhões que as levariam para Sena Madureira. Na pequena cidade, parte da madeira derrubada ilegalmente seriam reduzidas a tábuas. Mas a maioria das toras viajaria de caminhão, para o sul do Brasil, ou de navio, para o Exterior (p. 153). [...] o próprio Ibama compactuava com a falcatura. Era uma questão de guerra interna: Ibama X Ibama (p. 157).

E o autor comemora:

Dois dias após Veja publicar a minha matéria e a Globo veicular a de Fachel, a presidência do Ibama, em Brasília, anunciou o desligamento de Railda Pereira do órgão. O que não significa, necessariamente, que as trambicagens pelas selvas do Acre tenham cessado (p. 160).

5.3 A relação com imprensa: a agenda do dia

Cenário exótico e exuberante, a Amazônia tem a atenção do Brasil e do mundo. O olhar do mundo passa pelo olhar da imprensa. Aqui mostraremos alguns momentos que o autor enfatiza a relação da imprensa com a Amazônia. Como já foi citado no *corpus* deste trabalho, as queimadas nas florestas de Roraima, em março de 1998, chamaram a atenção da imprensa brasileira, conseqüentemente da imprensa internacional. Cavalcanti destaca a presença da imprensa, dizendo: “Tinha jornalistas do mundo inteiro: The Guardian, Los AngelesTimes e mais alguns outros grandes veículos de comunicação. Todos pareciam muito cordiais e prestativos” (p. 24). Prestativo, também foi o recepcionista do Hotel Aypana; a percepção re relação de poder vista pelo olhar do cidadão descrita pela visão do autor:

O senhor está aqui a trabalho? Veio fazer o que no meio do fogaréu? Perguntou o recepcionista. Quando eu respondi, dizendo que era repórter de Veja foi como se dissesse que era presidente da República. Por que o senhor não disse logo? Vou lhe arrumar um quarto em cinco minutos (p. 23). [...] nunca passara pela minha cabeça que faria tamanha diferença (Idem).

Segundo o que o autor deixa transparecer, a presença do Estado não seria suficiente. Para tanto, também a imprensa representava esperança para as pessoas.

O povo estava desesperado. A única ajuda vinha dos bravos e dedicados, porém despreparados, soldados do Exército Brasileiro e dos competentíssimos time da Brigada da Argentina. Mesmo cheias de forças de vontade, essas duas equipes não poderiam fazer muito de tão portentosa tragédia (p. 45).

Pode-se dizer que a ação da imprensa (o quarto poder) dialoga com a ação do Estado. Nesse sentido o autor destaca:

Quando Janduari e o cinegrafista da Globo desceram do carro e os moradores viram a máquina fotográfica e a filmadora todos correram em nossa direção. Fez-se um grande alarido. Era como se eu Fachel pudéssemos apagar o fogo e estabelecer tudo o que eu fora destruído. Diante na inoperância do Poder Público, a Imprensa havia se tornado a maior esperança daquela pobre gente. ‘Só vocês podem nos salvar’, bradavam as pessoas (p. 47).

Klester Cavalcanti ainda ressalva:

“Estávamos ali como jornalistas, é verdade, mas não podíamos ficar de braços cruzados, assistindo inertes, àqueles valorosos homens suando bicas para impedir que a tragédia fosse ainda maior” (p. 50).

Direto da selva, o repórter quer mostrar para o Brasil e para o mundo a realidade infernal, do paraíso amazônico, não sem motivo que chama a atenção da imprensa internacional.

Eram, exatamente, onze e dez da noite. A idéia de emplacar uma capa, logo na minha segunda matéria de Veja, era realmente instigante. A responsabilidade era gigantesca, mas o tesão era imensuravelmente maior [...] A matéria era minha e do repórter Vladimir Netto, da sucursal de Brasília. [...] o dever de Vladimir era conversar com fontes do Governo Federal, da ONU e de Organizações não Governamentais, e relatar o que todo esse pessoal tinha a dizer sobre essa devastadora queimada (p. 58).

Enquanto membro da imprensa brasileira, Klester Cavalcanti mostra o resultado de seu trabalho como repórter na selva amazônica, sobre uma matéria investigativa que envolvia uma quadrilha de grilagem de terras na Amazônia. É como se mostrasse o poder da imprensa.

Além do imenso prazer que a apuração para essa reportagem nos deu, eu e Alexandre Mansur ainda tivemos a alegria e também a honra inestimável, graças a esse trabalho. A União Mundial para a Natureza, a IUCN, a maior e mais respeitada ONG ambientalista do planeta, elegeram a nossa matéria a melhor Reportagem de Jornalismo Ambiental da América do Sul, de 1999 (p. 200).

Cavalcanti enfatiza que a repercussão de sua reportagem que denunciara a quadrilha de Carlos Medeiros foi tão grande, que a Câmara dos Deputados instalou uma CPI para apurar as grilagens de terras na Amazônia (cf. p. 242).

Mas na Amazônia, apesar de todos os problemas, muitos ainda a relacionam como o lugar do paraíso perdido, o El Dourado, o Edem, um lugar fascinante e outros mais – como veremos no continuar de nossa análise.

5.4 Relações sociais: a Amazônia para o mundo ver

5.4.1 Hotel na selva

Como relata o autor, o mais famoso hotel de selva chamado Ariaú Towers não podia ficar de fora de suas aventuras. A pedido do editor-executivo de Veja, Cavalcanti tem a incumbência de fazer uma matéria sobre hotel de selva. Na sua viagem, ele se encanta com gradiosidade do Ariaú

Com apartamentos construídos na copas das árvores e passarelas suspensas a 5 metros de altura, já recebeu a visita de figuras ilustres, como Julia Roberts, Silvester Stallone, Kevin Coster, Jennifer Lopez, Bill Gates e mais uma penca de celebridades internacionais [...] o Mr. Gates desembolsou 2 000 dólares por cada diária da Suíte Cósmica. Durante quase um ano, ele foi o único a demonstrar tamanha coragem (pp. 69-70).

5.4.2 Sobre o Rio Negro

Ao acompanhar um grupo de turistas em visita ao encontro do Rio Solimões com o Rio Negro, o autor relata a fala de uma turista:

“Vocês têm certeza de que isso é um rio mesmo?”, perguntou uma turista japonesa ao guia do hotel. Aliás, japonês é o que não falta na Amazônia” (p. 71).

De acordo com o repórter o fenômeno do Encontro das Águas é fascinante. Ele compara o Rio Amazonas com um oceano doce.

Nesse emaranhado de relações, “gente de toda parte vai à Amazônia a cada ano, pra conhecer os encantos e os mistérios da ‘rain Forest’ brasileira. A maioria termina escolhendo o Ariaú, por ser um dos hotéis de selva mais próximos de Manaus e com infra-estrutura. Tão boa que excede o necessário” (p. 72)

Como prova de uma relação que esbanja encantamento. A Amazônia se torna o encontro das relações sociais entre brasileiros e estrangeiros. “[...] após me apresentar como jornalista, conversava com turistas, à caça de depoimentos pitorescos. Todos se diziam

deslumbrados com a maior floresta tropical do mundo e felicíssimos pela oportunidade de estar ali, no coração da lendária Amazônia” (p. 73).

5.4.3 Sobre a reserva Mamirauá

Como já foi mencionada, a reserva Mamirauá recebe cientistas do mundo todo que compartilham seus conhecimentos com os ribeirinhos.

A inteligente parceria já resultou na descoberta de dezenas de novas espécies de animais, melhorou a qualidade de vida das comunidades e fez a Reserva Mamirauá um exemplo mundial de conservação ambiental. A fama internacional atraiu visitantes ilustres, como o ricoço Bill Gates e o músico Peter Gabriel (p. 169).

5.4.4 Elemento que caracteriza isolamento

Segundo Cavalcanti, na Amazônia existem povos que estão isolados da civilização, como é o caso de tribos indígenas que não têm nenhum contato com o homem branco.

O chefe do Departamento de Índios Isolados da Funai, Sidney Possuelo, tinha telefonado para São Paulo, e anunciado a descoberta de uma nova tribo indígena, no Acre, na fronteira do Brasil com o Peru. [...] a tribo era um intrigante e estimulante mistério [...] Como poderia, 500 anos depois da chegada de Cabral e sua trupe, ainda existir tribos incólumes e alheias ao avanço desenvolvimentista? (pp. 81- 82).

A explicação fica por conta do órgão responsável por esses povos. A Funai representa a presença do Estado nesses territórios reservados e demarcados para esses povos que aqui estão, há mais de 500 anos.

Durante décadas, a política da Funai foi a de fazer contato com novas tribos, com a intenção de ajudá-las, prestando assistência médica e educacional. Só depois de inúmeros fracassos, incontáveis casos de morte de índios devido ao contágio de “doenças de brancos” e alarmante processo de aculturação das tribos ‘civilizadas’, a Funai decidiu mudar de atitude. ‘Agora só fazemos contatos em casos extremos, como conflitos entre os índios e as comunidades vizinhas à aldeia e o risco de o povo ser exterminado por alguma doença, explica Possuelo (p. 84).

Sobre uma aldeia desconhecida, sem qualquer relação social com o mundo civilizado, autor faz a seguinte reflexão:

A que etnia os moradores daquelas grandes ocas pertencem? Que língua falam? A que Deus prestam culto? Como são seus rituais? Até hoje, ninguém sabe. O que é sabido – e nós fomos os primeiros a comprovar – é que eles existem. E continuam vivendo em paz, em algum ponto da imensidão amazônica (p.94).

5.4.5 A comunicação entre os amazônidas e o resto do Brasil

Pelas distâncias territoriais, a Amazônia torna-se um verdadeiro continente. A comunicação é suavizada pela presença do rádio. Cavalcanti presencia essa característica em uma base de apoio da Funai implantada às margens do rio.

Base de apoio, na verdade, era um título pomposo demais para a modesta casa de madeira, sem energia elétrica, erguida às margens do rio Envira, nos confins do Acre, isolada fronteira entre Brasil e Peru. [...] À nossa espera, um simpático casal, seu João e sua esposa - uma jovem índia – e um filho de sete anos. Eles moravam ali há dois anos e o único contato com a civilização era um velho rádio de pilha. Do pequeno aparelho vinham as notícias do que estava acontecendo em Brasília [...] (p. 89).

Desse fato é possível imaginar como funciona e se caracteriza a comunicação nos espaços continentais da região amazônica.

CONCLUSÃO

Aqui chegamos aos resultados da pesquisa. Pode-se dizer que o principal objetivo compreender como a Amazônia é caracterizada no livro-reportagem “Direto da Selva: as aventuras de um repórter na Amazônia, do repórter jornalista Klester Cavalcanti foi alcançado. Sempre guiada pela concepção dialógica formulada pelo filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2003; [VOLOCHÍNOV] 2006), fundamentada no dialogismo.

Como foi mencionado no percurso deste relatório toda obra corresponde a um enunciado, concreto vivo que se materializa na linguagem e se promove na cadeia da comunicação discursiva. Assim, portanto, o livro-reportagem se enquadra nessa concepção bakhtiniana. Nele o autor se posiciona em relação a outros discursos que interagem com ele, não obrigatoriamente face a face.

Os resultados aqui verificados apontam para a proposta dessa concepção. Para construir os discursos que permeiam sua obra, Cavalcanti recorre a posições de personagens como o homem amazônida, o caboclo e o índio, mas também com outras vozes como o homem da cidade – seja de forma explícita ou não.

Na sua relação com a natureza amazônica o autor concebe a Amazônia como um lugar encantador, em sua fauna, flora, rios e sua gente. Valendo-se dessa visão edênica deste território Cavalcanti pratica a sua atividade jornalística quase que como um combatente contra os males que cercam esta região. Com exceção dos lugares visitados onde ele encontrou devastações da floresta, tanto pela ação do homem – queimadas e derrubadas da mata – ele vê a Amazônia como um paraíso. De acordo com Klester Cavalcanti, durante o tempo em que produziu reportagens na Amazônia, ele vivenciou histórias interessantes e saborosas pelos grotões da selva. Mas que tem muito a aprender na – com- a Amazônia.

No que se refere à maneira como o autor descreveu as relações estabelecidas entre o homem e a natureza da região, os discursos enfatizam uma série de problemas relacionados à floresta Amazônica. Trata-se de uma caracterização que toma a Amazônia com uma grande diversidade de riquezas naturais sofrendo as intervenções de ações humanas, por meio de atividades de exploração econômica. De um lado as atividades extrativistas de seringueiros, índios e ribeirinhos, os quais são descritos como aqueles que primam pela preservação dos recursos naturais. E de outro, as ações dos grandes latifundiários, madeireiros e agropecuários, indicados na narrativa como o grupo de indivíduos que agem de forma desordenada e predatória sobre a natureza da Amazônia.

Cavalcanti apresenta, portanto, um discurso de uma visão do homem integrado com a natureza, fora a menção que eles faz aos grandes fazendeiros e madeireiros, considerados pessoas ‘deslocadas’ que apenas exploram as riquezas da selva, dos rios – deixando a devastação tomar conta das riquezas naturais da Amazônia.

Para construir essa visão Cavalcanti situa-se num contexto histórico e social e dialoga com outras vozes sociais, como o próprio autor aponta:

“Até então, tudo o que eu sabia sobre a Amazônia era o que tinha lido em livros e enciclopédias. Nunca havia, sequer, sobrevoado a região, mas o fascínio sobre esse fantástico e misterioso pedaço da Terra me fez encarar a oportunidade como um passo que mudaria minha vida para sempre. (CAVALCANTI, 2002, p. 247).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes. 2003.

____ (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CAVALCANTI, Klester. **Direto da selva**: as aventuras de um repórter na Amazônia. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

CATALÃO JR, A. H. **Jornalismo *Best-Seller***: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. 2010. 252f. Dissertação (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara – SP. Universidade Estadual Paulista. “Júlio de Mesquita Filho”.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo, Marco Zero.1995.